

DIA OU DJIA: UM CASO DA VARIAÇÃO DE /T/ E /D/ DIANTE DA VOGAL /I/ NOS FALARES PAULISTAS EM CORPUS ORAL DO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL

Jonas Passos da Silva
Prof. Dr^a Vanderci de Andrade Aguilera (Orientadora)

Resumo:

Este trabalho integra o projeto nacional e interinstitucional do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB - e traz os resultados do subprojeto de Iniciação Científica *Variação das oclusivas /t/ e /d/ diante da vogal /i/ em dados do interior paulista*. Como objetivos, propôs-se: (i) descrever e analisar as consoantes oclusivas /t,d/ diante da vogal /i/ com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Geolinguística Pluridimensional; (ii) elaborar cartas geolinguísticas experimentais com a distribuição diatópica e diastrática desses segmentos fônicos registrados em localidades do interior de São Paulo. O *corpus* constitui-se dos dados do Projeto ALiB – coletado e organizado pela Regional Paraná, especificamente a partir das 148 entrevistas orais, aplicadas junto a quatro informantes em cada uma das 37 localidades que compõem a rede de pontos do ALiB. Os dados foram coletados *in loco*, mediante entrevista estruturada junto a informantes selecionados de acordo com pré-requisitos comuns a todo o território nacional e estratificados pelas variáveis sociais sexo e faixa etária e referem-se às respostas obtidas na aplicação dos Questionários (Comitê Nacional, 2001) do Projeto ALiB, dos quais foram selecionadas cinco do Questionário Fonético-Fonológico (QFF).

Palavras-Chave: Oclusivas e Africadas, Projeto ALiB, Estado de São Paulo.

Introdução

Este subprojeto, coordenado por um Comitê Nacional, está vinculado ao Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), criado em novembro de 1996, em Salvador, durante o Seminário Caminhos e perspectivas para a Geolinguística no Brasil, na Universidade Federal da Bahia. O subprojeto *Um caso de variação fonética nos falares do interior paulista: a representação oral das oclusivas /t, d/ diante de vogal alta /i/* está ligado ao Projeto ALiB – regional Paraná, coordenado pela diretora científica Dra. Vanderci de Andrade Aguilera.

No que se refere à rede de pontos, foram selecionadas 37 localidades, distribuídas por todo o território paulista, levando-se em consideração a extensão de cada região administrativa, os aspectos demográficos, culturais, históricos e a natureza do processo de povoamento da área.

Quanto aos informantes, ficou fixado o número de quatro nas cidades do interior do Estado, distribuídos equitativamente por duas faixas etárias – 18 a 30 anos e 50 a 65 anos – e contemplando-se os dois sexos, totalizando, para este subprojeto, 148 informantes.

Os informantes, além da condição primeira de terem nascido na localidade em questão, são filhos de pais da região linguística em estudo, excetuando-se cidades muito novas. São todos alfabetizados, tendo cursado, no máximo, até a oitava série do ensino fundamental, e possuidores de profissão definida, tais como pedreiros, marceneiros, motoristas, encarregados de serviços gerais, diaristas, portanto, inserida no contexto social local.

No caso específico deste subprojeto serão analisadas as respostas dadas ao questionário fonético-fonológico, no que diz respeito à ocorrência de palavras com as oclusivas /t,d/ seguidas da vogal alta /i/.

O interesse em descrever e analisar as variantes das consoantes oclusivas /t/ /d/ diante da vogal /i/ (palatalizadas e não palatalizadas) no interior paulista decorre do fato de não existir um estudo específico sobre este fenômeno fonético que abrangesse todo o interior de São Paulo. Outra motivação está centrada no fato de a estudante Márcia Luciana da Rocha Dei Tós⁴⁷⁶, bolsista de Iniciação Científica da UEL, ter concluído o subprojeto anterior *A Variação Fonética nos falares do interior paulista: um estudo dos róticos em coda silábica*, que também se serviu de dados do ALiB coletados nas 38 localidades paulistas, trabalho este que também complementa com resultados que nos permitem visualizar ainda mais o falar paulista.

É importante registrar que pesquisa semelhante foi realizada por bolsistas de I.C. da Universidade Federal da Bahia, a partir de dados coletados nas capitais nordestinas (SOUZA, 2008)⁴⁷⁷.

1. Metodologia

A metodologia adotada pelo Projeto ALiB é a da pesquisa *in loco*, mediante entrevista estruturada junto a informantes selecionados de acordo com pré-requisitos comuns a todo o território nacional. Os procedimentos metodológicos deste projeto de IC, tomando como base as respostas dadas pelos informantes aos Questionários (2001) do Projeto ALiB, dizem respeito aos seguintes passos:

⁴⁷⁶ Aluna do curso de Letras Vernáculas e Clássicas/Universidade Estadual de Londrina

⁴⁷⁷ Trabalho feito por SOUZA, Milena Pereira de (2008), apresentado no XV Congresso da Associação de Linguística e Filologia da América Latina (Montevideu – Uruguai/2008) sob orientação da Prof^a. Dr^a Jacyra Andrade Mota (UFBA).

- Revisão de parte das transcrições de 148 entrevistas realizadas junto a informantes distribuídos pelas 37 localidades que compõem a rede de pontos do ALiB no interior paulista.
- Seleção das questões que contêm as consoantes oclusivas /t,d/ seguidas da vogal /i/.
- Levantamento das variantes conforme a natureza do registro dos segmentos fônicos.
- Codificação das variantes fonéticas considerando variáveis linguísticas e extralinguísticas.
- Tratamento do *corpus* pelo programa GOLDVARB 2001, (programa computacional que faz cálculos estatísticos de uma regra variável).
- Descrição e análise das variantes oclusivas ou africadas com base nas variáveis linguísticas (internas) e extralinguísticas (externas).
- Mapeamento dos dados para a visualização de possíveis áreas de isoglossas.

Neste trabalho foram selecionadas questões específicas para analisar as consoantes oclusivas /t,d/ diante da vogal /i/.

Neste trabalho foram selecionadas questões específicas referentes ao Questionário Fonético Fonológico (QFF) para analisar as consoantes oclusivas /t,d/ diante da vogal /i/.

Questões	Variantes
026	Liquid if icador
056	D ia
106	Ment t ira
131	T io
150	Per d ida

2. Base teórica

Vários são os estudos no Português Brasileiro que tratam da alternância de /ti/, /di/ para /tʃi/, /dʒi/. Dentre aqueles aos quais tivemos acesso, selecionamos as pesquisas de Valer, Marchesan, Rocha e Pereira (2006); Battisti, Dornelles, Lucas e Bovo (2007); Souza Neto (2008) e Mota (2008).

A pesquisa feita por Valer, Marchesan, Rocha e Pereira (2006), em *corpus* coletado em áreas rurais de Santa Catarina, discute os resultados com base em uma interface entre a variação linguística e a fonologia, fazendo uma análise da palatalização das oclusivas coronais anteriores /t/ e /d/ como ocorre nas expressões *dia*, *tio*, *dinheiro* e *tira o couro*. A discussão sobre quais fatores favorecem ou desfavorecem a ocorrência desse fenômeno nas áreas rurais catarinenses, levando em conta as diferentes etnias presentes no Estado, levou as autoras às seguintes conclusões: os dados encontrados indicam que a não palatalização é a predominante. Isso se deve, talvez, pelo fato de falantes da área rural, por serem adultos, tenderem a uma fala mais conservadora o que não ocorre na zona urbana devido ao grande fluxo de pessoas, a rede maior de interação e de comunicação.

Battisti, Dornelles, Lucas e Bovo (2007) apresentam um estudo sobre a *Palatalização das oclusivas alveolares e a rede social dos informantes de Antonio Prado-RS*. Os resultados apontam que os jovens pradenses são os promotores da palatalização na comunidade, opostamente aos idosos, o que se confirma na análise dos contatos em rede: em termos gerais, informantes que palatalizam interagem (menos intimamente) em rede com informantes que também palatalizam, sendo esses informantes jovens. Os usuários das formas não-palatalizadas são idosos que, em rede, conectam-se (com grau maior de intimidade) a informantes que tampouco palatalizam, geralmente idosos. Apesar da

oposição jovens-idosos com relação à palatalização (os primeiros, favorecedores; os segundos, inibidores da regra), os resultados da análise quantitativa permitiram a esses pesquisadores afirmar que a palatalização variável já se estabilizou na comunidade. Em relação à rede social, os informantes da zona rural sustentam a variante não-palatalizada e os informantes da zona urbana a variante palatalizada.

Na dissertação *As realizações dos fonemas /t/ e /d/ em Aracaju-SE*, de Souza Neto (2008), a autora registra os contornos e resultados de pesquisa acerca da variação do /t/ e /tʃ/ na fala de aracajuanos que não se afastaram de sua cidade natal, por mais de 2 anos e com pais também naturais de Aracaju. Desenvolvida com base na Teoria da Variação Linguística, os resultados apontaram as realizações simples /t/ e /d/ como as variantes que representam melhor o falar aracajuano, com apenas uma restrição: no ambiente com [j] no contexto fonológico precedente e com [i] no contexto fonológico seguinte, a aplicação da regra equivale ao uso das variantes complexas /tʃ/ e /dʒ/.

Outro estudo em destaque é o de Mota (2008), cuja análise focaliza, nas capitais nordestinas, as realizações das palatais do /t,d/ diante da vogal /i/ (tia, dia) ou depois da semivogal /j/ (muito, doido). Os resultados mostram as diferenças entre o falar nordestino e o falar baiano e as ocorrências de subáreas, no falar nordestino.

3. Análise e descrição dos dados

Os dados foram analisados com base nos resultados estatísticos fornecidos pelo programa GOLDVARB 2001 e apresentados por meio de tabelas, gráficos e carta linguística experimental, considerando as variáveis linguísticas e extralinguísticas que influíram na aplicação da regra variável oclusiva > africada.

Para a análise, consideramos como variáveis linguísticas: a posição da sílaba na frase, a tonicidade, a extensão do vocábulo, a oposição fonemas surdos e sonoros e item lexical; e, como variáveis extralingüísticas, o sexo, a faixa etária e a localidade de origem do informante.

O programa fez vários cruzamentos entre estas variáveis com o intuito de propiciar o melhor resultado para a aplicação da regra. Analisamos aqui, porém, apenas cinco variáveis que, segundo o GOLDVARB 2001, foram relevantes ao fenômeno da palatalização das oclusivas: i) tonicidade; ii) sonoridade da consoante; iii) sexo/gênero; iv) faixa etária e v) localidade.

4.1 Variáveis linguísticas

4.1.2 Variável tonicidade

Entre os vocábulos selecionados, verificamos que a regra se aplicou em todos eles, com exceção dos vocábulos *caminho de Santiago* e *diadema*, questão 33 e 199 do QSL respectivamente. Nos demais a regra se aplicou, isto é, os informantes, ao responderem as questões, realizaram a troca das variantes africadas /tš/ e /dž/ pelas oclusivas /t/ e /d/.

Na Tabela I, apresentamos o peso relativo⁴⁷⁸ da variável tonicidade:

Tabela I: Peso relativo da tonicidade

Tonicidade	Peso relativo
Átona	0,693

⁴⁷⁸ O programa GOLDVARB apresenta os resultados do cruzamento das variáveis linguísticas e extralingüísticas em peso relativo indicativo de maior ou de menor favorecimento com relação à aplicação da regra. Se o peso relativo for superior a 0,50, este é considerado como favorável à aplicação da regra; se for inferior a 0,50, é pouco favorável; e se for exatamente, ou próximo, é neutro.

Tônica	0,461
--------	-------

Percebemos que, dos cinco vocábulos analisados, apenas “liquidificador” é átono ao contrário dos outros quatro vocábulos, “dia”, “mentira”, “tio”, “perdida” que se caracterizam por serem tônicos. Os dados em peso relativo nos mostram que a palavra átona preserva a manutenção da variável /t,d/ com, ou seja, é favorável à aplicação da regra, ao contrário das palavras tônicas que estão mais propensas à troca das variantes /t, d/ para /tš, dž/.

4.1.3 Variável sonoridade

A segunda variável linguística que se mostrou significativa foi a sonoridade da consoante. A tabela II traz os resultados em peso relativo.

Tabela II: Peso relativo da sonoridade

Sonoridade	Peso relativo
Sonora	0,678
Surda	0,258

As palavras, acompanhadas da vogal alta /i/, que possuem fonemas sonoros são: “liquidificador”, “dia” e “perdida”, e as que possuem fonemas surdos: “tia” e “mentira”. Segundo os dados, os vocábulos sonoros são favoráveis à aplicação da regra /tš, dž/ > /t, d/ com um peso relativo de 0,678, já os vocábulos surdos se caracterizam por serem bem desfavoráveis à regra com um peso relativo de 0,258.

4.2 Variáveis extralinguísticas

4.2.1 Variável sexo

Para tratar da variável sexo/gênero na aplicação da regra variável oclusiva > africada, é possível verificar que os informantes do

sexo masculino preservam mais a oclusiva do que as mulheres, conforme os dados constantes na Figura 2:

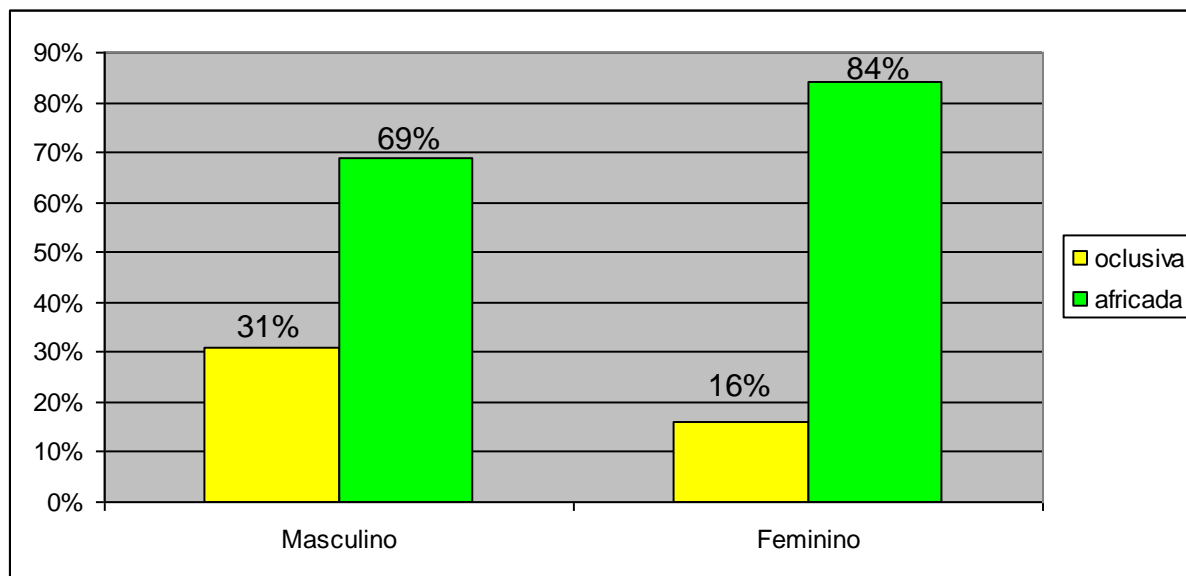


Figura 2: Distribuição percentual da variantes oclusiva e africada segundo o sexo/gênero.

Os dados revelam ainda que o uso da oclusiva é frequente nas respostas tanto dos homens quanto das mulheres. No entanto, percebe-se que as mulheres utilizam com menos frequência a forma oclusiva (16%) quando comparadas aos homens (31%), indicando que a forma africada, considerada variante de prestígio, predomina na fala feminina.

Esta diferença entre a fala masculina e a feminina também foi observada nos trabalhos de Paiva sobre *A variável gênero/sexo* revelando que "as mulheres demonstram maior preferência pelas variantes linguísticas mais prestigiadas socialmente" (PAIVA, 2003, p. 34). E os dados demonstram que, diante da "alternância entre uma forma padrão ou uma mais prestigiada e uma forma não padrão ou menos prestigiada, as mulheres são mais propensas ao emprego da primeira e os homens da segunda." (PAIVA, 1994, p.70).

4.2.2 – Variável faixa etária

Quando se trata da variável faixa etária, é visto que a forma oclusiva está presente tanto entre os informantes da faixa I (10%) quanto os da faixa II (18%), mas com baixo índice de ocorrência, conforme a Figura 3:

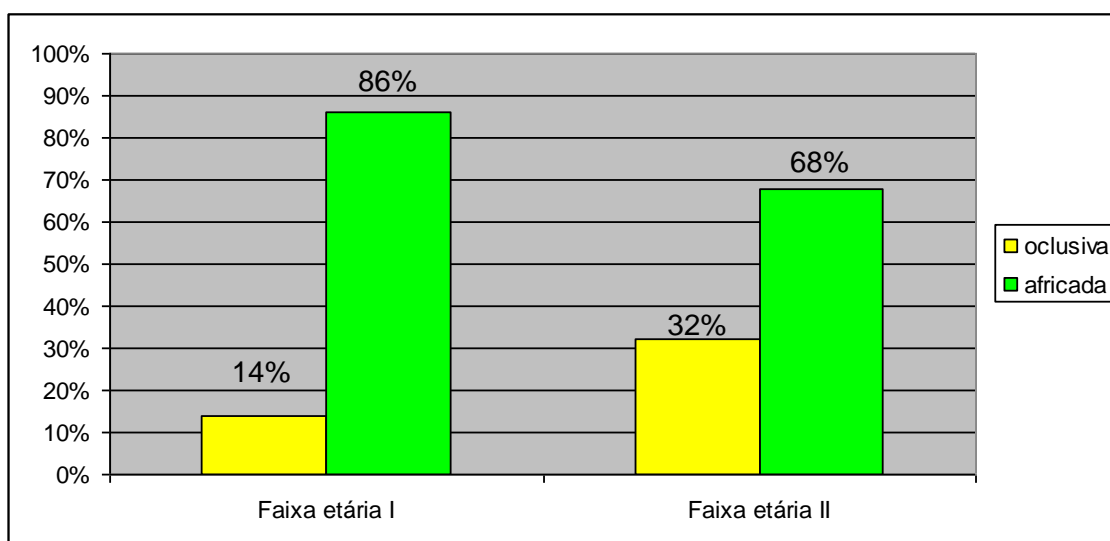


Figura 3: Distribuição percentual das variantes oclusiva e africada segundo a faixa etária

Os dados demonstram também que, embora a africada seja a mais produtiva na fala dos paulistas, entre os informantes da faixa II, a manutenção da forma oclusiva é mais produtiva (32%) em relação aos da faixa I (14%). Essa diferença de 8% entre as duas faixas etárias caracteriza a realização oclusiva /t, d/ como uma variante diageracional.

Assim, juntando as variáveis faixa etária e sexo/gênero, temos os resultados em peso relativo:

Tabela III: Peso relativo das variáveis faixa etária e sexo/gênero

Variáveis	Peso Relativo
Faixa I	0,293
Faixa II	0,706
Homem	0,682
Mulher	0,326

Os dados demonstram, de modo geral, que, embora com baixa frequência em relação à variante africada, os informantes do sexo masculino pertencentes à faixa II mantêm com mais frequência a oclusiva, e os pesos relativos confirmam essa proposta, embora eles não apresentem os resultados de maneira tão proporcional em relação aos dados percentuais. Retomamos aqui os resultados obtidos por Battisti, Dornelles, Lucas e Bovo (2007) sobre a *Palatalização das oclusivas alveolares e a rede social dos informantes de Antonio Prado-RS*:

informantes que palatalizam interagem (menos intimamente) em rede com informantes que também palatalizam, sendo esses informantes jovens. Os usuários das formas não-palatalizadas são idosos que, em rede, conectam-se (com grau maior de intimidade) a informantes que tampouco palatalizam, geralmente idosos. (BATTISTI, DORNELLES, LUCAS e BOVO, 2007, p. 25)

Tais resultados não significam que a realização de oclusivas não tenha ocorrido entre os informantes jovens ou entre as mulheres, pois os resultados em peso relativo revelam que, embora essas variáveis desfavoreçam a regra, ela pode ser aplicada por alguns informantes independentemente do sexo ou da faixa etária.

Por fim, a localidade de origem do informante foi a última variável extralinguística considerada pelo GOLDVARB. Assim, pode-se visualizar a distribuição diatópica dos segmentos analisados.

4.2.3 Variável localidade

Para esta carta experimental, foram desconsideradas as variáveis sociais com o intuito de demonstrar a predominância das variantes fonéticas em cada cidade. Assim, consideramos, no mínimo, 12,5% de ocorrência das variantes em cada localidade do interior do estado de São

Paulo. Os dados estão representados de acordo com os resultados fornecidos pelo GOLDVARB.

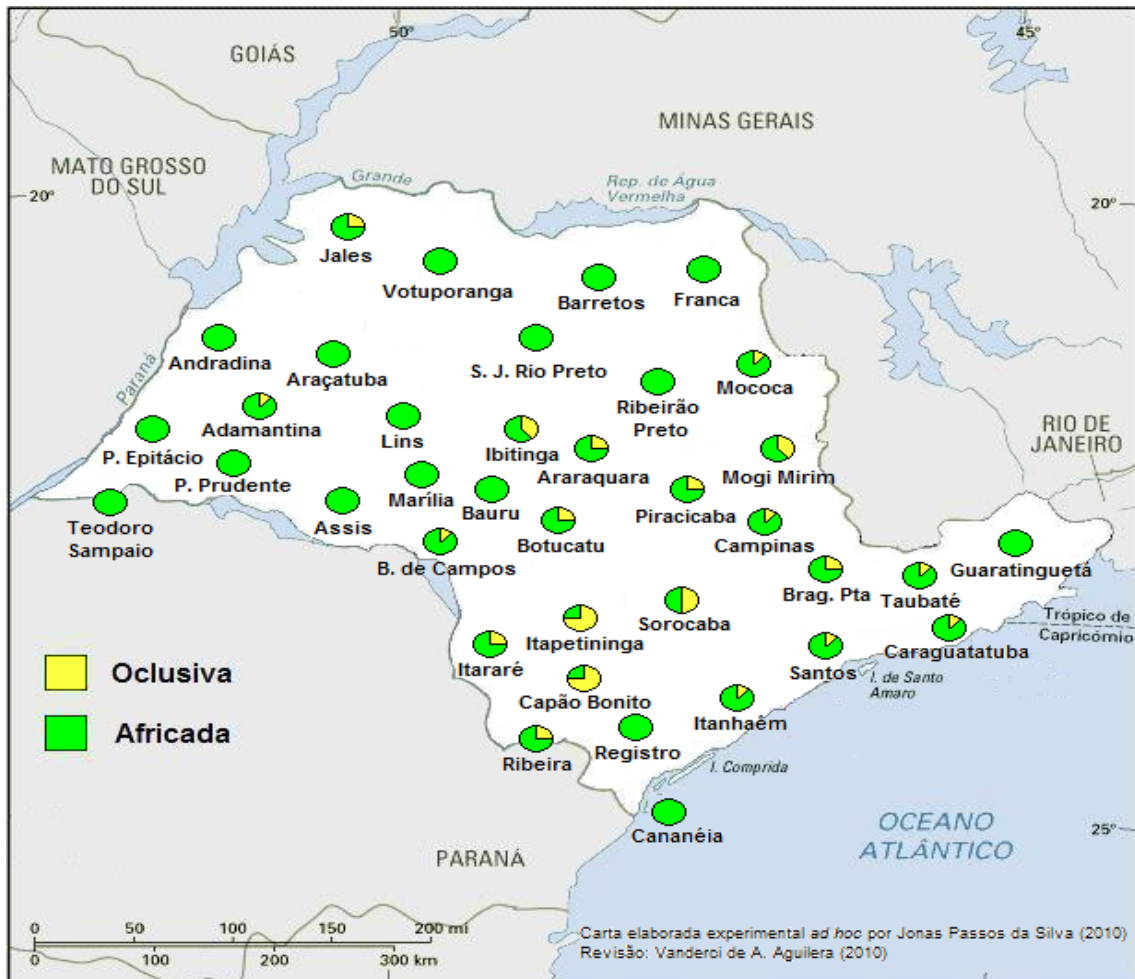


Figura 4 : Distribuição diatópica da produtividade da variante oclusiva e da africada no interior do estado de São Paulo.

A carta acima revela que, das 37 localidades investigadas, somente em 12 a forma /t,d/ obteve uma produtividade mais significativa: na região sudoeste, em Itapetininga e Capão Bonito (75% cada) e Sorocaba com 50% demonstram que as duas variantes estão em concorrência nessas localidades. Por sua vez, em Itararé e Ribeira (25% de oclusivas) a africada está se sobrepondo à forma oclusiva; na região central, as localidades que tiveram destaque foram Ibitinga com 37,5%, Araraquara, Botucatu e Piracicaba com 25% cada uma de manutenção das oclusivas; as cidades de Mogi Mirim com 37,5% e Bragança Paulista com 25% correspondem à região sudeste do estado; e na região norte, a única

localidade em que se registrou a presença da forma oclusiva foi Jales, com 25%.

Em Adamantina, Mococa, Bernardino de Campos, Campinas, Taubaté, Caraguatatuba, Santos e Itanhaém, registraram-se 12,5% de produtividade da forma oclusiva. Nas demais, predomina a variante africada em 100% dos registros, caracterizando-se como forma de prestígio presente em todo o estado.

Conclusões

O presente artigo investigou a produtividade das variantes fonéticas oclusivas /t,d/ e africadas /tʃ,dʒ/ diante da vogal alta /i/, nos falares do interior de São Paulo, nos contextos de início de sílaba e de vocábulo. Os dados apontam que a variante de maior prestígio é a africada /tʃ,dʒ/, seguindo a tendência geral observada no PB.

Quanto à distribuição diatópica, revelou a preferência da variante africada em todo o interior do estado de São Paulo, ao contrário da variante oclusiva que obteve produtividade consistente apenas em 12 localidades, com destaque maior para os municípios de Itapetininga e Capão Bonito em que as variantes oclusivas chegaram a 75% dos registros, e para Sorocaba em que as duas formas estão em concorrência.

A manutenção da oclusiva está presente com maior frequência entre os homens da segunda faixa etária, constituindo-se, então, uma variante diageracional e diagenérica, indicando que as mulheres parecem a preferir o uso da forma padrão /tʃ,dʒ/ o que confirma a tendência feminina de adotar a variante de maior prestígio.

Referências bibliográficas

BATTISTI, Elisa; DORNELLES FILHO, Adalberto A; PIRES LUCAS, João I; BOVO, Nínive M. P. *Palatalização das oclusivas alveolares e a rede social dos informantes*. Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL. Vol.5, n.9, agosto de 2007. Acesso em 19/05/2009 www.revel.inf.br.

COMITÊ Nacional do Projeto ALiB. Atlas Linguístico do Brasil: questionários. Londrina: Ed. UEL, 1998.

MOTA, Jacyra. *Como fala o nordestino: a variação fônica nos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. Resumo. In: I Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa, 2008, São Paulo. I SIMELP. São Paulo: USP - FFLCH, 2008. v. 1.

PAIVA, M. C. de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M. C. (Org). *Introdução à Sociolinguística variacionista*. Cadernos Didáticos UFRJ. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994, p. 69-73.

PAIVA, M. C. de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M. C., BRAGA, M.L. (Orgs). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003, p.32-42.

RAND, David, SANKOFF, David. Goldvarb – version 2.0: A variable rule application for the Macintosh. Montreal: Universidade de Montral, 1990.

SOUZA NETO, Antonio Félix de. *As realizações dos fonemas /t/ e /d/ em Aracaju-SE*. Dissertação defendida no programa de pós-graduação em Letras e Linguística, da Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 2008. Acesso em 19/05/2009 www.btdt.ufal.br.

VALER, Salete; MARCHESAN Ani Carla; ROCHA Patrícia Garcia; PEREIRA Rodrigo Acosta. *O /ti/ e o /di/ no português rural de Santa Catarina - um estudo sobre a palatalização das oclusivas coronais anteriores /t/ e /d/ nas palavras: dia, tio, tira o couro e dinheiro*. Artigo publicado no caderno de resumos do XI SILLEL, 2006.